

# Como escrever uma tese em História do Pensamento Econômico<sup>1</sup>

Manuela Mosca<sup>2</sup> - Daniela Parisi<sup>3</sup>

## Resumo

O objetivo destas notas é auxiliar os professores de História do Pensamento Econômico no momento de propor uma tese a seus estudantes. Elas são, de fato, um guia para os estudantes que iniciarão pesquisa nesta área para que evitem incorrer nos erros mais frequentes de enfoque, desenvolvimento e principalmente de escrita de sua tese.

**Palavras chave:** didática, tese, história do pensamento econômico.

**Classificação JEL:** A20, B00.

---

<sup>1</sup> Versão em português feita por Pedro Garcia Duarte (Departamento de Economia, Universidade de São Paulo, Brasil), adaptando eventualmente a versão original. Esta versão é de **agosto de 2013**.

<sup>2</sup> Dipartimento di scienze economiche e matematico-statistiche, “Università del Salento”, Lecce.

<sup>3</sup> Istituto di teoria economica e metodi quantitativi, “Università Cattolica”, Milano.

*“É minha única carta de amor...  
Copiei-a quase toda de James Joyce.  
E não te perguntaram do porquê  
de todas essas referências a Dublin?”*

Woody Allen, *Crimes e Pecados*, 1989

As teses em história do pensamento tratam de ideias e iniciativas de economistas do passado. O trabalho de elaboração de uma tese consiste fundamentalmente na leitura de alguns escritos (textos, manuscritos, artigos, partes de manuais) pertinentes ao tema da tese e na construção de uma narrativa baseada em tais fontes. Há as fontes primárias (as obras dos economistas em questão) e as secundárias (as obras de autores que interpretam e contextualizam a contribuição destes economistas). O tema e argumentos são escolhidos em conjunto com o professor que também auxiliará na forma de buscar e encontrar as fontes. A depender do grau almejado, as teses podem tanto ser mais curtas (20-50 páginas) e com caráter predominantemente compilatório, como ser maiores e de pesquisa mais aprofundada (como no caso de teses de licenciatura e de especialização).

A estrutura da tese usualmente consiste em:

- Capa
- Resumo e Palavras-chave
- Sumário
- Introdução
- Capítulos centrais
- Conclusões
- Bibliografia

## 1. Capa

A capa deve conter o nome da universidade, da faculdade e do departamento, o título da tese, o curso no qual o aluno está se formando, o nome do aluno e de seu orientador, o ano acadêmico e possivelmente códigos de classificação do *Journal of Economic Literature* (JEL). A secretaria de cada faculdade tem um modelo para a capa.

## **2. Resumo e Palavras-chave**

O aluno deve apresentar um resumo (de cerca de 400 palavras) da tese contendo a descrição do objeto de estudo e os principais resultados ou contribuições do trabalho. Usualmente são requeridos resumos em português e também em inglês. Além do resumo, a tese deve conter palavras-chave que sejam descritivas da análise feita.

## **3. Sumário**

Umberto Eco (1977:120) aconselha escrever primeiramente o sumário para que você tenha desde o princípio clareza sobre a estrutura do trabalho. É claro que ao escrever a tese você provavelmente terá que modificar o sumário várias vezes. Entretanto, ter desde o princípio um esquema dos capítulos e parágrafos ou seções que você escreverá é indispensável para a organização de suas ideias e da futura escrita da tese.

## **4. Introdução**

A introdução de uma tese é escrita ao final, com o restante do trabalho já concluído. Ela deve conter quatro elementos básicos. Em primeiro lugar, é necessária uma explicação de qual é a pergunta que motivou o trabalho e do argumento desenvolvido. Ou seja, você deve deixar claro para o leitor qual é a motivação do seu trabalho e a literatura na qual ele se insere. Usualmente este primeiro elemento envolve uma breve resenha da literatura que lhe ajude a motivar o trabalho. Em segundo lugar, a introdução deve conter uma discussão do método utilizado para abordar a questão de interesse. Em terceiro lugar, uma breve exposição da estrutura e conteúdo da tese (no primeiro capítulo analisamos..., no segundo capítulo...). Por fim, o quarto elemento, que pode estar tanto na introdução como em uma seção a parte, são os eventuais agradecimentos (que não devem ser excessivos).

## **5. Capítulos centrais**

A estrutura desta parte da tese é geralmente acordada com o orientador e varia conforme o tema escolhido. Geralmente se começa com uma resenha mais detalhada da literatura já existente sobre o tema e prossegue-se com as partes das contribuições originais. Depois da leitura das referências bibliográficas e demais materiais, você deve começar a escrever segundo o método sugerido por James Mill a David Ricardo, que o “aconselhou a romper o temor e escrever tudo de uma só vez e deixar para pensar em corrigir posteriormente, a anotar, em papéis a parte as ideias dispersas (e de menor importância) que serão inseridas no texto mais tarde, e a esquematizar os argumentos principais” (Ingrao e Ranchetti 1996: 89). Preste muita atenção para escrever os capítulos com uma estrutura coerente (inclusive relacionando-os entre si), e para que os parágrafos e epígrafes também sejam coerentes. Faça cada vez mais esquemas dos argumentos e capítulos, pense bastante em como dividir a matéria dentro de cada capítulo e entre eles, e assim proceda de modo a colocar as diferentes “peças” seguindo critérios homogêneos nas diferentes seções. O

sumário que você já escreveu servirá como um esquema inicial do trabalho. Conforme você avance a pesquisa e inicie a redação, redija novas versões do sumário como plano de trabalho para ter uma visão global da divisão dos temas nos diversos capítulos e seções.

O texto deve vir acompanhado de notas, que podem ser de dois tipos: as citações bibliográficas (ver seção 6.1) e as notas explicativas de um conceito ou afirmação contida no texto, que você gostaria de aprofundar e detalhar sem interromper o fluxo da argumentação principal.

## 6. Conclusões

Uma vez finda a tese e antes de escrever as conclusões, releia seu trabalho integralmente, como se ele estivesse sido escrito por outra pessoa, e reflita livremente, e com espírito crítico, sobre o que lhe parece ser a “essência” que emerge da tese. A seção de conclusão é estritamente pessoal, na qual se espera encontrar suas próprias reflexões sobre o tema abordado. O que se aprende de novo sobre o tema? Há novos resultados? Há uma nova perspectiva para se estudar a questão?

Esta seção pode ser organizada de modo que suas reflexões finais sejam precedidas por uma síntese muito breve que sirva para recolocar os pontos mais importantes desenvolvidos na tese. Lembre-se que, uma vez escritas as conclusões, você deve agora escrever a introdução ao seu trabalho.

## 7. Bibliografia (e citações)

Por mais estranho que possa parecer, esta é a parte mais importante. Como dissemos, o objeto das teses em história do pensamento são as ideias e iniciativas de economistas do passado. Portanto, elas envolvem necessariamente outros textos e muito do que se escreve nas mesmas advém de fontes bibliográficas. Deste modo, utilizar outros textos (inclusive copiando trechos) é totalmente legítimo, e mais, necessário, desde que as fontes utilizadas sejam correta e devidamente indicadas no texto. Citações de trechos de textos devem ser feitas utilizando-se aspas ou destacando o texto citado do corpo principal do trabalho. **Omitir as fontes é plágio, uma desonestidade acadêmica, e acarreta em consequências gravíssimas.** Na ausência de indicações de fontes, o leitor de seu trabalho considerará que as afirmações do texto são suas e solicitarão as explicações pertinentes.

Em outras palavras, em uma tese em história do pensamento econômico há três níveis de referências que devem ser diferenciados: (1) o nível das fontes primárias (obras dos economistas analisados); (2) o das fontes secundárias (comentadores); e (3) o das opiniões do autor. Por exemplo, em uma tese sobre Enrico Barone poderemos ter as opiniões: (1) do próprio Barone, (2) de outros autores que escreveram sobre Barone, e (3) do estudante autor da tese.

Vejam agora o que se pode fazer para diferenciar claramente estes três níveis. Por exemplo, você pode citar diretamente o autor (fonte primária) utilizando aspas:

Escreve Barone: “eu me proponho a determinar de que maneira o Ministro encarregado da produção deve requisitá-la de modo a obter o maior bem-estar de seus cidadãos” (Barone [1908] 1936: 233-234).

Da mesma forma você pode citar trabalhos de um autor que analisou a contribuição de Barone (fonte secundária):

Segundo Fauci, a tese do artigo de Barone (1908) “é que uma economia na qual os meios de produção são estatais ... pode alcançar uma posição de ... equilíbrio de máximo bem-estar social” (Fauci 2000: 257).

A mesma clareza sobre a atribuição das fontes das afirmações pode ser alcançada com um estilo indireto, parafraseando a fonte. Por exemplo:

Barone se propõe a determinar a forma através da qual o Ministro encarregado da produção pode obter o bem-estar social máximo (Barone [1908] 1936: 233-234).<sup>4</sup>

Ou ainda, no exemplo da fonte secundária:

Fauci argumenta em seu artigo “Il Ministro Della Produzione nello Stato Collettivista” que Barone (1908) demonstrou a possibilidade de se alcançar uma posição de equilíbrio paretiano também em uma economia planificada (Fauci 2000: 257).

Você pode expressar um ponto de vista pessoal sobre a literatura primária, como, por exemplo:

Considero que a demonstração de Barone (1908) é importante na história do pensamento econômico pelas seguintes razões... .

---

<sup>4</sup> Alternativamente, esta frase poderia ser escrita da seguinte forma: Barone ([1908] 1936: 233-234) se propõe a determinar a forma através da qual o Ministro encarregado da produção pode obter o bem-estar social máximo.

Ou expressar uma opinião pessoal sobre a literatura secundária:

Parece-me que Faucci (2000) apresenta com clareza a tese central do artigo de Barone (1908).

Vejamos agora as principais formas de citar os trabalhos consultados durante a pesquisa.

### 7.1. Como citar livros e artigos

Há algumas opções. No próprio texto: como nos exemplos anteriores, as obras citadas no texto são indicadas entre parênteses com o sobrenome do autor, ano de publicação e número das páginas (ou número do capítulo). Em notas: se o assunto de um parágrafo é o resumo de um longo artigo (por exemplo, informações biográficas do economista analisado em sua tese) escrito por outra pessoa, você pode indicar no início do parágrafo algo assim: “as informações contidas neste parágrafo são retiradas de Faucci (2000, cap. V)”. Atenção: o professor espera encontrar indicações sobre as fontes em praticamente *cada página da tese* (seja no texto ou seja nas notas). Isto porque, ao custo de ser repetitivo, uma tese em história do pensamento econômico baseia-se sempre e integralmente em informações extraídas de outros textos.

O local onde se reportam detalhadamente as indicações de todos os trabalhos citados na tese (no texto ou nas notas) é na seção de bibliografia que consiste em uma lista à parte das referências ordenadas alfabeticamente pelos sobrenomes dos autores (e cronologicamente para obras de um mesmo autor)<sup>5</sup>. Eventualmente pode ser melhor separar as obras citadas em listas distintas, uma para as fontes primárias e outra para as secundárias (e talvez uma terceira lista para materiais de arquivos). Como modelo para sua bibliografia você pode consultar alguma das principais revistas da área, como a *History of Political Economy* (HOPE) e o *Journal for the History of Economic Thought* (JHET), dentre outras. É importante que você compile na bibliografia todos os livros e artigos que você tenha utilizado **desde a primeira versão** da tese. Além disto, é muito útil fichar e compilar meticulosamente o material conforme você vá utilizando (para evitar que tenha que retornar a fontes já consultadas para buscar dados que você necessite). Vá completando a seção de bibliografia conforme você avance no seu trabalho.

---

<sup>5</sup> Vale atentar para o padrão de citação bibliográfico adotado em sua universidade e que você deverá seguir. Diferentes padrões têm regras distintas para como citar artigos, livros, capítulos de livros, notícias de jornal, etc.

## 7.2. Utilização da internet

Em artigo recente, Umberto Eco propôs o seguinte exercício aos estudantes: “encontrem na internet, sobre o tema X, uma série de afirmações não confiáveis e expliquem por que elas não são confiáveis” (Eco 2006). A confiabilidade das informações: este é o principal problema com a internet para quem está a escrever uma tese. Os livros e artigos publicados por editoras são geralmente submetidos a um processo de seleção e de arbitragem por pares antes de serem disponibilizados ao público. Já os textos na internet são disponibilizados sem nenhum tipo de filtro. Muitas vezes, eles não são sequer assinados. Portanto, ninguém tem a responsabilidade da veracidade das informações; se elas são falsas, ninguém perde sua reputação.

A falta de autoria dos textos na internet expõe você ainda a outro risco: um professor nos relatou que um aluno lhe entregou como capítulo de sua tese um texto que o próprio professor reconheceu como tendo sido escrito por ele próprio. Está claro que o estudante, sem se dar conta, encontrara na rede um texto apócrifo que correspondia *perfeitamente* ao tema de pesquisa proposto pelo professor, o qual ele copiou e inseriu na sua tese. Portanto, você deve ter muito cuidado quando utiliza a internet: use-a com desconfiança e espírito crítico, tente descobrir quem disponibilizou aquelas informações, e certifique-se que não haja nenhum absurdo ou incorreção escritos, fazendo uma comparação com outras fontes. É fundamental que você **cite o título, autor e endereço eletrônico das páginas de internet utilizadas**, tal como você faria se fosse um texto convencional publicado.

Há pouco tempo, por exemplo, em um conhecido fórum de debates entre historiadores do pensamento econômico<sup>6</sup>, foi discutido o tema da “Wikipedia”, uma enciclopédia *on line* que aceita contribuições de qualquer um que deseje colaborar. Vários pontos foram levantados neste debate: alguns opinaram que a “Wikipedia” é confiável, enquanto que outros argumentaram que ela não é, outros disseram que ela representa uma concepção democrática e aberta do conhecimento, e ainda outros que este grau de abertura é até mesmo perigoso. Todos, de qualquer forma, convidavam os alunos a consultarem sempre os verbetes da “Wikipedia”, comparando-os com outras fontes mais confiáveis<sup>7</sup>.

Em resumo, a vantagem de utilizar a internet é que ela lhe obriga a desconfiar das informações que você consulta e, principalmente, a utilizar fontes múltiplas para averiguar sua veracidade. Ao final de sua tese você deverá ser capaz de corrigir os erros encontrados na internet, inclusive de modificar alguns verbetes da “Wikipedia”, o que lhe dará uma grande satisfação.

---

<sup>6</sup> Trata-se da lista das *Societies for the History of Economics* (SHOE List), disponível no endereço: <https://listserv.yorku.ca/archives/shoe.html>

<sup>7</sup> O título da discussão ocorrida de 4 a 7 de fevereiro de 2006 era “Beware of Wikipedia” e os participantes foram H. Barreto, L. Guerby, S. Horwitz, A. Isaac, K. Quinn, J. Vorst, e A. Waterman.

### 7.2.1. Alguns links úteis

Você encontrará aqui algumas páginas de internet relacionadas à história do pensamento econômico, as quais eventualmente contêm outros links que lhe podem ser úteis na produção de sua tese.

1. [http://web.archive.org/web/20100302181941id\\_/http://homepage.newschool.edu/~het/](http://web.archive.org/web/20100302181941id_/http://homepage.newschool.edu/~het/) (em inglês): “The history of economic thought website” era talvez a página mais completa na internet sobre história do pensamento econômico, mas não está sendo mais mantida e atualizada como antes. Nesta página arquivada, você pode buscar informações por autor, escolas do pensamento, etc.
2. <http://socserv2.socsci.mcmaster.ca/~econ/ugcm/3ll3/index.html> (em inglês): a “McMaster University Archive for the History of Economic Thought” é uma página mantida por esta universidade que contém links para as obras de inúmeros economistas (predominantemente de séculos anteriores ao século XX) que podem ser acessadas *on line*.
3. <http://ase.signum.sns.it/> (predominantemente em italiano): contém o arquivo virtual *ASE* (*Archivio Storico degli Economisti*), ou seja, um banco de dados de documentos de economistas que estão arquivados na Itália. Você pode buscar por autor, cidade, instituição, etc.
4. <http://hope.econ.duke.edu/> (em inglês): página do *HOPE Center da Duke University*, que na seção “Resources” contém vários links úteis de vários recursos *on line* e também uma descrição do “[Economists’ Papers Project](#)”, que é a principal coleção de arquivos de economistas do século passado depositados na biblioteca desta universidade.
5. <http://historyofeconomics.org/> (em inglês): página da associação norte-americana de história do pensamento econômico, a *HES* (*History of Economics Society*).
6. <http://www.eshet.net/> (em inglês): página da associação europeia de história do pensamento, a *ESHET* (*European Society for the History of Economic Thought*).
7. <http://www.aispe.org/> (em italiano e inglês): página de uma das associações italianas de história do pensamento econômico, a *AISPE* (*Associazione italiana per la storia del pensiero economico*).
8. <http://www.storep.org/> (em italiano e inglês): página de outra das associações italianas de história do pensamento econômico, a *STOREP* (*Associazione Italiana per la Storia dell’Economia Politica*).
9. <http://jshet.net/modules/english/> (em inglês): página da associação japonesa de história do pensamento, a *JSHET* (*The Japanese Society for the History of Economic Thought*).
10. <http://hetsa.org.au/> (em inglês): página da associação australiana de história do pensamento, a *HETSA* (*History of Economics Thought Society of Australia*).



## 8. A tese é sua

### 8.1. *Você tem que saber defendê-la*

Quando um professor lhe perguntar por que você afirmou algo (pode ser tanto seu orientador como os demais membros da banca examinadora), você nunca deve responder: “Escrevi isto porque eu li”. Você não deve mais estar na condição de dar esta resposta, e sim deve sempre explicar e justificar o que escreveu, tanto o significado de suas afirmações quanto, ainda mais, o significado das palavras e conceitos que utilizou. E isto se aplica também ao caso de uma citação que você incluiu no texto (na prática, preocupe-se em compreender bem o que você escreveu, mesmo que seja reportando as palavras e ideias de outros autores).

### 8.2. *Dois exemplos dramáticos*

Se você seguir as dicas aqui apresentadas, você conseguirá evitar situações paradoxais como a seguinte. Leio em uma tese a seguinte frase:

O fluxo mais ou menos intenso de poupança para a produção constitui uma das principais forças matrizes de toda a máquina econômica contemporânea.

Não há indicação das fontes. Suponho que se trata de uma ideia, plausível, do aluno. Intriga-me, no entanto, o uso da expressão “forças matrizes”. Pergunto ao aluno: “Por que você usou esta expressão? O que ela significa?”. Resposta: “Porque a li”. Há aqui três problemas. O primeiro é que a ausência de fontes faz com que o leitor do seu texto imagine que se trata de uma expressão sua. O segundo é que você, neste caso, deveria saber defendê-la em primeira pessoa: por exemplo, utilizei a expressão “matriz” para sugerir o significado de “geradora” de uma força que causa o crescimento econômico. O terceiro problema é que esta frase foi incorretamente copiada: ela está na obra *Principi di economia politica* de Barone ([1908] 1936: 608), e obviamente se trata de “forças motrizes”, não “forças matrizes”! Lembre-se: pode-se e deve-se copiar e citar mas desde que (1) copie-se sem erros; (2) coloque-se a frase entre aspas (ou cite-a no estilo indireto), com clara indicação da fonte; e (3) seja capaz de explicar seu significado. Há ainda outro trecho sobre Barone que leio na tese:

com apenas sete anos teve que ser submetido a uma delicada intervenção cirúrgica que lhe permitiu livrar o crânio ... e foi a partir daí que começou a genialidade de Barone.

Uma vez mais há ausência das fontes: não se sabe de onde o aluno obteve a informação sobre a intervenção cirúrgica. Além do mais, o aluno argumenta haver uma relação entre a cirurgia na cabeça e a genialidade de Barone. Como pode afirmar isto? Será que ele leu artigos em revistas médicas? Esta correlação é realmente surpreendente: valeria a pena operar a cabeça para se tornar genial! Obviamente, esta ideia não é de sua safra. O aluno copiou-a de um artigo de Spinedi ([1924] 1977: 115) sobre Barone, escrito com base em conhecimentos médicos que atualmente seriam considerados absurdos. Se um membro da banca examinadora pedisse que o aluno explicasse esta afirmação, ele poderia subtrair alguns bons pontos da nota final. Seguindo as regras que sugerimos aqui, evite este risco e não se sairá mal.

**Bom trabalho!**

### **Referências Bibliográficas**

- Barone E. (1908). *Principi di economia politica*. Em *Le opere economiche*, Bologna: Zanichelli, 1936, vol. II.
- Eco U. (1977). *Come si fa una tesi di laurea*. Milano: Bompiani.
- Eco U. (2006). *Come copiare da Internet*. Em “L’Espresso”, 19 gennaio, p.178.
- Fauci R. (2000). *L’economia politica in Italia*. Torino: Utet.
- Ingrao B. e F. Ranchetti (1996). *Il mercato nel pensiero economico*. Milano: Hoepli.
- Spinedi, F. (1924). *Enrico Barone*. Em A. Quadrio Curzio e R. Scazzieri, *Tradizione e Rivoluzione in Economia Politica (1890-1936)*, Bologna: Il Mulino, 1977.